

Anno 2º

Rio de Janeiro

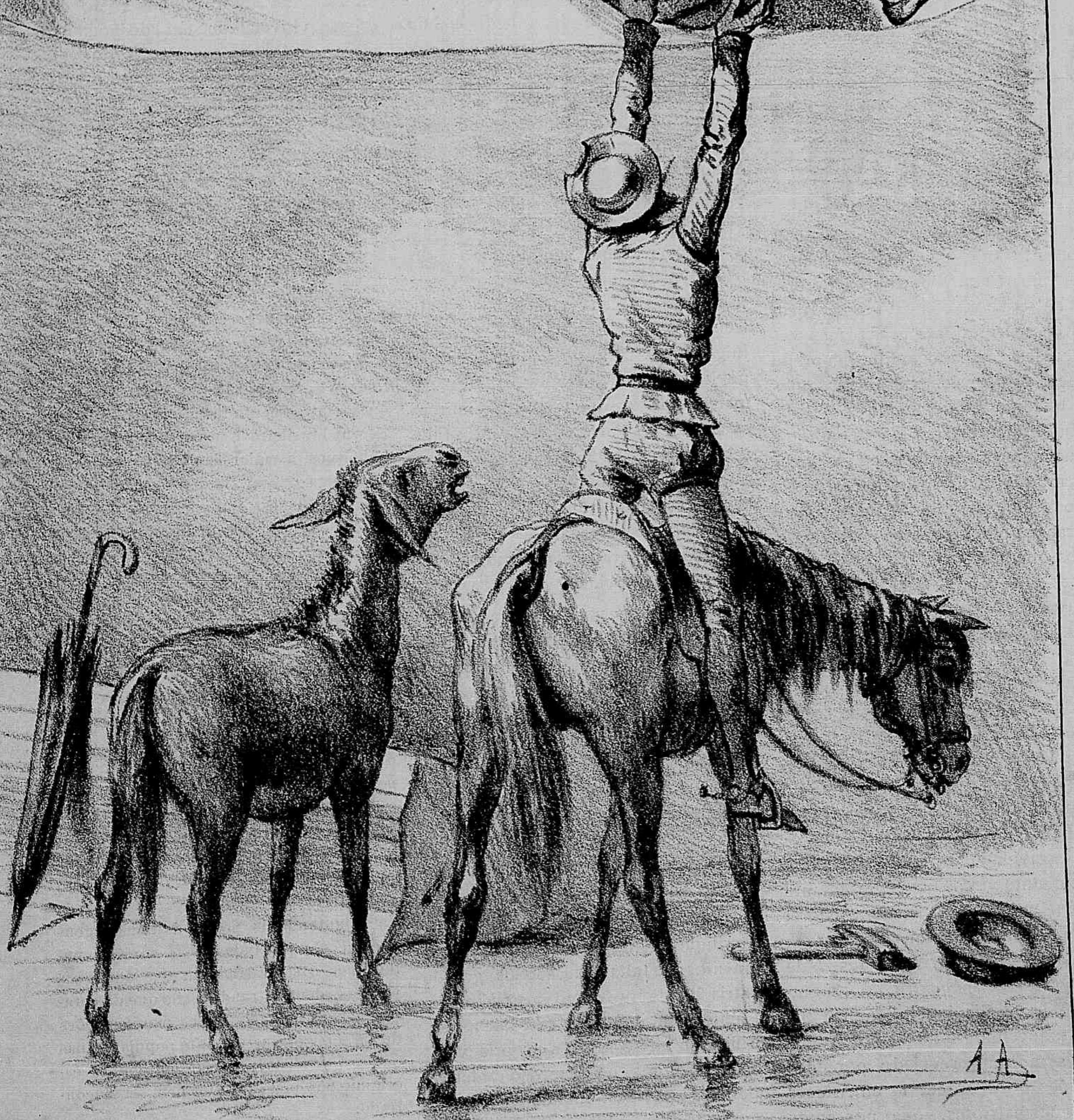
Nº 51

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de

Agostini

109 Ouvr



Aguanta!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre 14\$000	Semestre 10\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importânciadas assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 15 DE FEVEREIRO DE 1896.

Amnistia nos Corações

Foram dolorosos os successos ocorridos na commemoração que se realizou no cemiterio de Maruhy em homenagem aos mortos no combate da Armação a 9 de Fevereiro.

Nada mais justo do que o sentimento de piedade por amigos e companheiros, que se bateram como leões e que, mortos no campo da batalha cruenta, foram outros tantos brasileiros heroes, que a Patria chora como a filhos. Irem romaria espargir flôres e saudades sobre aquellas campas constitue um preito que nem os proprios adversarios politicos poderão condemnar.

Infelizmente não foi isso o que se fez, nem aproveitou o exemplo dado pelos antigos revoltosos, que em recolhimento respeitoso se limitaram a mandar celebrar um officio religioso pelos seus mortos queridos.

Fez-se no cemiterio de Maruhy uma nova explosão de odios, o que significa um estado d'alma devéras lamentavel por parte dos amigos e defensores da causa do marechal Floriano Peixoto.

A gravidade do facto ainda se fez mais sensivel com a ostentação de uma bandeira sanguinaria, á qual parece que faziam guarda de honra os patriotas e até representantes de altas auctoridades da Republica.

A gravidade do facto foi tanto maior, quanto vimos um representante da classe militar proclamar a theoria absurda e funesta de que não devem apagar-se as antigas rivalidades, e de que o pretexto *hypocrita* do congratamento da familia brasileira, não justifica o esquecimento do passado.

O symptom revelado por taes expressões é de ordem a entristecer os corações patriotas, que por amor

do bem geral desejam hoje sobretudo a concordia e a união dos brasileiros.

Por que se ha de eternizar esta separação de filhos da mesma Patria, muitos d'elles cidadãos prestativos e de talento, capazes de prestar ao Brasil excellentes serviços?

E por que sobretudo essa animosidade insanavel por parte dos que viram triumphante a sua causa? Não seria mais natural que os vencedores generosos abrissem os braços aos adversarios de hontem e irmãos de hoje e sempre?

Não pretendemos de certo perscrutar a origem do estado d'alma, que a commemoração de 9 de Fevereiro veiu ainda denunciar. Registratamol-o simplesmente como um facto e deploramol-o do fundo do coração, por entendermos que todo o bem-estar da sociedade brasileira depende da extirpação radical d'este cancro que nos corroem.

Claro está que não queremos com isto suprimir um capitulo da historia nacional. A historia d'esse episodio tremendo deve escrever-se, e para isso julgamos até necessario que venham a publico quantos n'elle tomaram parte mais ou menos directa, ou assumiram quaesquer responsabilidades. Mas falle a historia sem odios e sem paixões, ou, para dizer melhor talvez, falle a chronica despida de commentarios e de juizos criticos, que só mais tarde poderão ser lavrados por auctoridades neutras e imparciaes.

Fóra d'este campo, quizeramos que não fosse mais ouvido siquer o epitheto de revoltoso ou o de florianista.

Deante dos graves problemas que se agitam na Republica; deante da propaganda que á sombra dos erros commettidos pelos governos republicanos o partido monarchista levanta, é urgente que os verdadeiros amigos da Patria se congreguem na defesa das instituições e no trabalho de reconstrucção nacional.

Não mais scisões nem discordias. Sacrifiquemos os nossos velhos ressentimentos no altar sagrado da grande Patria Brasileira, como nossos irmãos e amigos em defesa de seus ideaes sacrificaram interesses e a propria vida.

Baste o sangue generoso de tantas victimas queridas, immoladas áquillo que cada uma julgou seu dever.

A guerra civil acabou; acabem tambem a guerra e o furor nos nossos corações, e convirjam todas as forças vivas da nação para curar-lhe as feridas e leval-a por caminho melhor.

Disputemos no terreno da imprensa ou nas urnas, convencidos das nossas idéas, inabalaveis nas nossas crenças si quizerem, mas calmos, desapaixonados, não vendo outra conquista a fazer sinão a do bem publico.

Os odios e a vindicta conduzir-nos-hão á ruina e á anarchia, e a anarchia é aquella situação afflictiva que dictou a Suleau a eloquencia do desespero, invocando um despota para salvar a França, comtanto que elle fosse um genio.

Salvemos a liberdade e consolidemos a Republica pela religião do amor.

VEIGA CABRAL

O heróe do Amapá, que ora se acha n'esta capital, teve aqui e nas cidades por onde passou a recepção condigna e entusiastica a que fez direito pelo seu procedimento correcto e patriotico, repelindo o commandante de uma expedição que acintosamente invadiu porção do territorio brasileiro e procurava pela força impôr-nos a maior das humilhações.

Veiga Cabral, inflingindo aquella terivel lição aos commandados d'aquelle official e castigando o seu chefe como o fez, salvou o nome do Brasil e forneceu ao invasor uma prova de que o nosso carácter não é fraco, nem é a cobardia o traço dominante do nosso temperamento.

Sua coragem, a serenidade de animo que revelou no momento da acção, as suas qualidades de guerreiro indomito e os étos do seu patriotismo gravemente offendido, garantiram-lhe o respeito ao seu nome e justificam a satisfação e o entusiasmo com que o recebem seus irmãos, gratos pelo muito que elle fez mantendo illeso o nome do brasileiro, luctando em condições desiguas e desvantajosas para elle.

Ajuntando as nossas ás homenagens que lhe são prestadas nesta capital, publicamos o seu retrato em uma de nossas paginas, demonstrando assim que de coração nos associamos a taes manifestações de carácter exclusivamente popular, e nas quaes o governo por bem entendido escrupulo não pôde intervir nem ser encontrado.

Veiga Cabral foi um heróe. E pro-

clamal-o tal é nosso dever; e dizei-o bem alto é nosso direito — de nós outros, o povo, que não podemos soffrer o grito de entusiasmo ao receber em nossos braços esse irmão que com tanta abnegação defendeu o ideal da māi patria, como se em verdade cobrisse e defendesse o corpo d'aquelle que lhe déra o ser.

ONDAS

Já sabiu dos prēlos, e agora mesmo estará sendo lido com o maior carinho e amor o segundo livro das *Ondas*, o primoroso trabalho do grande poeta Luiz Murat.

Vimos o importante volume n'um rapido relancear de olhos: não é ainda a occasiō de dizermos sobre o acontecimento litterario, que virá seguramente ser um marco rutilante no caminho de Sant 'Yago estrellado das nossas letras.

Saudando por antecipação o poeta das *Ondas*, agradecemos á sua gentileza e fidalguia a dadiva salomonica de um fragmento do seu mimoso poema **SARA**, que enaltece as columnas do presente numero do *D. Quixote*.

E' um mimo que offerecemos aos nossos leitores, devido à liberalidade do poeta.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas 30\$ por anno, para os Estados, 25\$ para a Capital) segue no gozo da mesma ineffavel saúde e da mais absoluta tranquillidade.

E' que não tivemos o infortunio de chamar o senador João da Secca de presidente do Club da Morte, nem mesmo de 1º secretario ou thesoureiro do mesmo Club.

**

Telegramma importante passou o futuro e jovem governador do Amazonas, Sr. Fileto Pires, á imprensa fluminense: «Chegou o Faraday, trazendo o cabo. Viva a Republica!»

Esqueceu-lhe dizer o resto, segundo o regulamento de taes telegrammas: «pinte de verde!»

**

O serviço telegraphicco especial do *Paiz* nos annuncia que monsenhor Jacobini, nuncio em Lisboa, foi promovido a cardeal — e com soldo dobrado.

Até lá pelas Europas o jacobinismo está na ponta!

**

Diz a *Gazeta de Notícias* que os moradores da rua Vinte Quatro de Maio de balde reclamam agua para beber.

Bem feito. Para que reclamam elles de balde? Façam-n'o de jarros, de bacias, de pipas, de que quizerem, — mas nunca

de balde para que debalde não o façam.

**

Noticias já antigas referiram que sir John Pender, o do cabo telegraphicco na sua ilha da Trindade, teve um ataque de paralysia cerebral. Pendeu-lhe a cabeça ao Pender; e d'ahi suspendeu-se as negociações relativas á restituição da ilha a seu antigo e legitimo possuidor.

**

A policia d'esta capital, não podendo depois de acuradas diligencias averiguar qual o auctor do assassinato da mulher da rua do Lavradio, abandonou a questão e abriu um rigoroso inquerito, este agora para saber qual o auctor da morte de um cachorrinho do sr. senador João da Secca do Ceará.

Ouvidas varias testemunhas e recolhidos diversos depoimentos, conseguiu a nossa atilada policia descobrir que quem matou o cão foi o Baeta.

**

Extinguiram-se os trens rápidos da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Esta noticia causou profunda consternação entre os collegas e emulos d'aquelles trens — os caranguejos da praia Formosa e ilhas adjacentes.

**

Por ser amanhã domingo de carnaval, a proxima quarta-feira será de cinzas. E, por esse motivo, neste dia muita gente irá á igreja pintar uma cruz na testa, ouvindo dizer-se-lhe: *Memento...etc, et in pulvere rem reter T cris.* ° —

E trazem na testa o T, convictos e contractos.

Os reporters,
ESCENA & MONTREY.

POEMA SARA

(FRAGMENTO)

VII

Já os incautos colibris partiram
Para o noivado matinal das flores.
Fulgem ao sol as matisadas cōres
Das aves e das rosas que se abriram...

O' luz saudosa,
No céo risonho
Abre-se a rosa,
Fecha-se o sonho...

Estremecem, pipilam na folhagem
Os festivos canarios, recem-nados,
Batem os bicos, quando vem a aragem,
Rindo e folgando pelos descampados...

A aragem passa,
Murcham as flores.
Vem a desgraça,
Voltam as dôres...

Maio alardeia as graças que lhe emprestam
O sol do estio, o olibino dos numes;
Guirlandam-se-lhe em nastros de perfumes
Effluvios que, no inverno, o trigo crestam.

Correm as aguas,
Passam os ventos:
São minhas maguas,
São meus lamentos...

No encalço vaes, dolente patativa,
Do sonho que hoje te accordou mais cedo;
Porque retens, na lagrima captiva
— Prisioneiro de amor — o teu segredo?

A balsa canta
Piedosa e meiga,
Como uma santa
Sorri a veiga...

Eu caminho sem ter onde pernoite,
Tu caminhas na mesma melodia,
Levas nas azas o folgar do dia,
Levo no peito a escuridão da noite.

E a noite é bella,
E as ondas mansas;
O amor constella
As esperanças...

Cyrus — contornos lucidos do occaso —
Aquarelando serros altaneiros,
Serão os versos, que componho, acaso
Do coração as notas derradeiras?

Lyra, suspende
Os teus cantares;
Ninguem comprehende
Os meus pesares.

Musa da tarde peregrina e leve,
Harpa, filha das mürmuras alfombras,
Meus olhos o infortunio encheu de sombras,
Meus cantos a estação cobriu de neve.

Bosques queridos,
Aureos cardumes,
Não daes ouvidos
Aos meus queixumes...

D'aqui te sigo os sonhos odorantes,
Minha formosa dhalia prisioneira;
Os céos ainda estão como eram d'antes,
Quando nos vimos pela vez primeira.

Tudo esquecido,
Tudo em pedaços,
— Eu foragido,
— Tu n'outros braços...

O amor se malquistou comigo, Sára,
E me offendeu como a Petrarca e a Dante;
Fôra um crime exigir que onda arquejante
Restituisse perola tão rara.

O céo me insulta
O sol se obumbra;
A ave se oculta
N'outra penumbra.

Da vida a encosta, como um velho monge,
Subo de sombras e baldões coberto;
Só d'ali posso ver como está longe
O que me parecia estar tão perto.

E assim a idade,
E assim a sorte!
Paz, em verdade,
Só ha na morte.



Don Quixote resolveu mascarar-se de Zé Cubino ultra-nativista, e
Sancho Pança — Qual dos tres disfarces me assentará melhor? Do

aval do Don Quixote



, e o Sancho em Zé Povinho, fluminense
Don Quixote — Parece-me que, por ora, esse de carneiro não vai mal.

DON QUIXOTE

O amor lançou-me à praia, quasi morto,
A salsugem cobriu-me o corpo inteiro;
Ah! não encontra nunca o forasteiro
Na terra um coração, no oceano um porto!

Porque, sem treguas,
Anda ao relento
Leguas e leguas
Meu pensamento?...

Partiu-se a urna da fé e da esperança,
E a alma esvaiu-se na primeira prece,
O vento leva as lagrimas que lança
O mavioso cantor mal anotece...

Ficam apenas
Do que cantaste,
Aves sem pennas,
Flores sem haste...

LUIZ MURAT.

ALUJZJO AZEVEDO

O illustre auctor da *Casa de Pensão*, o operoso romancista que a golpes de trabalho conquistou um nome respeitado e glorioso, partiu para Vigo, onde vai exercer as funções de vice-consul, e antes veiu trazer-nos o seu abraço de despedidas.

Accompanham o Aluizio os nossos mais sinceros votos pela sua prosperidade na formosa e risonha terra de Espanha, onde elle vai ser vice-consul do Brasil — e consul de primeira classe das letras brasileiras.

Esperamos anciósos pelo proximo volume, que, inspirado por aquellas amenas paragens, nos enviará certamente o incansável e applaudido romancista.

RABISCOS

Desde a semana passada que gemem os prélos tratando do caso do escrivão Angelo Benvenuto, que desacatou o juiz em plena audiencia, depois desacatou a ordem de suspensão em seu emprego, emanada do presidente da Corte de Appelação e em seguida procurou oppôr embraços à entrega dos papeis do cartorio ao seu substituto nomeado.

Gemeram os prélos... e nós todos sabemos de que força são os seus gemidos quando elles dão para isso!...

Antigamente, quando taes factos vinham ao conhecimento do publico, rodeados de provas, cercados de incidentes que aggravavam, como agora, a situação dos delinquentes, o remedio não se fazia esperar: uma demissão era apenas o principio da punição merecida e o processo da responsabilidade correlativo não se fazia demorar.

Mas isso foi outr'ora. Hoje são outras as praticas, muito outras as leis; e quem não quizer assim... que tome passagem para o estrangeiro.

Ha tantos vapores, de tantas compa-
nhias! E as passagens são tão baratas —
mesmo com o cambio a 9...!

X

Entretanto ha no assumpto do escrivão Diavolo Malevenuto uma questão que é impossivel abandonar, uma importancia que seria inutil desconhecer. E' que o promotor publico — que por signal tem um nome tão doce que chega a ser Esmeraldino — n'um exame a que procedeu no cartorio da 10ª pretoria teve occasião e ensejo de verificar taes irregularidades nos livros, que não pôde deixar de denunciar o tal Malevenuto, escrivão de uma figura — e de maus figados.

Ora imaginem que esse Ferrabraz tinha o livro de registro de nascimentos e obitos completamente escripto... mas totalmente desprovido de todas as formalidades legaes! Nem termo de abertura e de encerramento, nem rubrica nas paginas, nem assignatura d'elle escrivão nem das testemunhas!

Uma pilheria como outra qualquer. Um registro para inglez ver, mas como o Benjamin Constant viu a ilha da Trindade — a 40 milhas de distancia!

X

O presidente da Côte de Appellação entendeu que suspendendo por uns tantos dias esse escrivão, desaffrontava a justiça offendida, apesar da imprensa dizer-lhe em altas vozes que a demissão de tão mau funcionario era a pena mais suave a se lhe applicar... Mal comparando, parece o caso dos sujeitos que pedem ao publico que suspenda o seu juizo a respeito d'elles: eu em tal caso não suspendo nada. E que me importa a mim a vida dos outros para que a tal proposito eu tenha de suspender uma cousa tão importante, como esta — o meu juizo!?

X

Pois com o tal escrivão das Arabias o caso é o mesmo: suspenda-o o sr. presidente quantas vezes quizer, pelo tempo que lhe aprouver, até o mais alto grau, até ás nuvens, até o setimo céo. Não basta; a nós outros não basta.

E' preciso que esse funcionario, catedratico em depôr camaras municipaes, seja por sua vez deposto do seu emprego — pelo menos para que os livros do registro de nascimentos e obitos a elle confiados não continuem a não valer nada e não sejam mais uma cousa semelhante ao da Joanna...

Malevenuto escrivão! Tu só uma vez foste um homem benevènuto: foi — consoante a versão da *Cidade do Rio* — quando ameaçaste com as iras do jacobinismo a desforra á tua demissão imminent!

Nos tempos do Carnaval, tirar mascaras é ser de coragem e mostrar-se forte... Assim, Malevenuto!

LEO.

A SEMANA

Inda fallam nos assassinatos
N'esses crimes de ha tres quinze dias.
Continuam na berra taes factos,
Empanando de Momo as folias.

A polícia... inquerindo, inquerindo,
Sem que chegue a ter um resultado;
Testemunhas ás duzias ouvindo,
Sem haver quasi nada apurado.

Foi Salgueiro que á Luiza Argentina
Mandou dar um terrível passeio?
— Não se sabe. E o Zé Povo já opina
Que do caso anda o demo no meio.

De Ambrosina e Mathilde os descendentes
Continuam a ser o repasto
Dos que gostam dos casos picantes...
— E a Moral? — Anda triste e de rasto.

Notícia d'espavento
Do Rio-Grande agora mesmo vem:
O João Francisco — o tal que fama tem,
Vai dentro de um momento
Ser nomeado
Deputado...

Temos um homem do valor de cem!
E na Assembléa,
(Mas oh! que idéa!)
Será n'aquelle grande Parlamento
Inaugurado
E aprovado
Regimem salutar: — legolamento!

Ora toque, seu João Francisco!
Ora toque, meu velho, toque.
Você é mesmo um bom *Botoque*,
Pois em você eu tudo arrisco!

Degola, João, ai! sim, degola,
Degola, a torto e á direita:
Se deputado fôres feito
— Lingua e syntaxe mata, esfola!

Quando no teu cargo empossa do
Fôres, já tens um bom discurso,
Mui bem medido e preparado;
E' estudal-o e dar-lhe curso:

« Sr. Presidente. Do quinto distrito
« Sou representante, e que heide fazer?
« Se querem programma, vai um... Vem a ser:
« *Malança! degola!* Assim pois... Tenho dito.

X

Por entre vivas e festejos
Chegou o heroe Veiga Cabral.
Nem lhe faltaram doces beijos
No acolhimento fraternal.

Disse a *Gazeta* n'uma phrase meiga,
A esse heroe que o povo já applaudiu
E saudações em peso já lhe deu:
Que dos Cabraes — o Pedro e esse Veiga
Menos merece o que nos descobriu,
Mais vale aquelle que nos defendeu.

X

Teve razão na sua lôa!
Como ella diz: lavrou um tento.
Bravo á *Gazeta*! A phrase é boa...
Mas não é minha... E o lamento.
F. MENDES.

A BRUXA

— Toc ! Toc ! Toc !
— Quem é ? Que barulho é esse ? Estamos a trabalhar, e atarefados pelo numero...
— Sou eu : a Bruxa ! Toc ! Toc ! Toc !

— O' collega : que anciadade e que urgencia ! Já lá vai !

— Toc ! Toc ! Toc !

Abrimos. Era a Bruxa, que nos invadia a casa, envolvendo-nos alegremente em uma densa nuvem de *confetti*, e ella mesma toda coberta em suas oito paginas de *confetti* multicolores e de alegria sã e comunicativa.

Nas paginas ilustradas o *savoir faire* de Julião Machado, no texto a chronica brilhante de Olavo Bilac e demais artigos, de entre os quaes sobresahe uma *Ode sapheca*, de Coelho Netto, muito sa... phica.

Além dessa *Ode*, que é um primor no genero, uns excellentes versos do nosso companheiro Guimarães Passos, sob o titulo *Garota Farorita*.

O' Bruxa : dá-nos um abraço, quando não seja para outra causa — para desbanhar o estafado shake hands.

O bife em perigo

O *Jornal do Brasil*, n'um momento de folga que concedeu ao muito accusado e pouco defendido agente Bastos Junior, veiu dar nos a infesta noticia de estar de novo em perigo o nosso estimado bife.

A grêve, agora, na Matadouro de Santa Cruz, não é do pessoal — é dos bois. E, salvo seja, das vaccas tambem.

O *Jornal do Brasil* explica a causa pelo miudo ; e segundo o collega, sempre bem informado n'essas questões e nas de diplomacia, é causa de haver gado em pequena porção em Santa Cruz, o prefeito que a nossa boa sorte destinou a fazer a felicidade d'este districto, tão federal quão desditoso.

Foi o contracto de fornecimento de gado, ultimamente celebrado pelo emerito parteiro e desastrado prefeito, o que deu em resultado taes inconvenientes.

E aliás, tal contracto, seriamente discutido pela imprensa, — notadamente pela *Gazeta de Notícias* — foi condenado por toda ella ; mas ainda assim, muito pôde o adextrado forceps do nosso prefeito, e tol contracto foi firmado.

Ora, eu confesso aqui á puridade, que tanto se me dá como se me deu essa questão da carne.

Não morro de amores por ella — pela de vacca, entenda-se. Mais me interessa o caso do agente Bastos, com todos os subtitulos abacadrabantes do *Jornal do Brasil* ; mas me aguça a curiosidade as noticias dos abyssinios, os telegrammas sobre o negus Menelik, e até o que se refere á descoberta do polo do Norte, que eu nunca vi — nem pretendo ver — mais gordo, nem menos frio.

Entretanto, não posso conter-me diante do terrivel annuncio. O perigo que corre o bife estimula-me a fallar, e se eu não fallar... não digo nada.

Segundo affirma o *Jornal do Brasil*, sendo muito insignificante o stock do gado em Santa Cruz, é mais que provavel, é certo mesmo que de sabbado para domingo de Carnaval haja falta de carne...

E isto é um desastre — para as folhinhas e kalendarios !

N'esses interessantes e providenciaes companheiros do homem civilizado, vê-se sempre assignalado o primeiro dia de Carnaval com a denominação de *domingo gordo* ; e segundo os Castros Lopes do nosso e de outros paizes ricos de philologos, Carnaval quer dizer uma cousa assim parecida com a saudação á carne...

Ora, desde que justamente o Sr. Dr. Werneck escolheu esse dia para suspender-nos a ração de carne, o prefeito illustre e reputado parteiro deve tambem suspender a folhinha que serve ao districto federal.

Sim ! Desde que o Domingo Gordo não é gordo, e gordo sómente é o Sr. Dr. Furquim, que diante d'esse perigo em que está o nosso bife se dêem os verdadeiros nomes aos bois... ou ás couças, e diga-se em vez de Domingo de Carnaval — Domingo do Dr. Werneck.

GIL.

CORDEIRO LEÃO

Castigar Cavalcanti, e bem forte, João Cordeiro (ou Leão) já pretende, Por chamal-o, segundo se entende, — Presidente do Club da Morte.

João Cordeiro : porque has de ser *cúera* ? Por que mau, has de ser João Cordeiro ? Se assim és, muda o nome primeiro : Pois não és um Cordeiro — és João Féra.

Que maldade ! Metter jornalistas Na cadeia, nos ferros de El-Rey ! Ai ! que fosses tão mau, não pensei, Não pensei que no odio persistas.

Se prosegues, assim, tu vais mal, João da Secca do Bom Ceará ! Se prosegues, teu nome será : — João Hyena Leopardo Chacal.

Não nos firas com esse cutelo ! Eu t'o peço, da imprensa no nome... Vai-te embora p'ra terra da fome... Deixa em paz Cavalcanti de Mello.

De tyranno abandona esse porte, Abandona a carranca tigrina ! Do contrario serás — triste sina ! — Presidente do Club da Morte !

FELIX.

THEATROS

Durante a semana finda tivemos o beneficio da sefiorita Aurora Rodriguez, no Recreio Dramatico, e em seguida, no mesmo theatro, a primeira do *João Tenorio*, de Zorrilla.

Do beneficio, para o qual receberamos delicado convite acompanhado de uma carta amavel, só tenho a dizer bem. Ah ! que não supponha o malevolo leitor que para tal apreciação concorreu a amabilidade do convite ou os olhos expressivos da gentil beneficiada ! Não, nunca, jamais.

E' que a Sra. Rodriguez organizou um programma escolhido e teve a felicidade de vel-o perfeitamente desempenhado — e o que não era muito dos estylos da companhia.

O D. João Tenorio não foi positivamente um successo. Andou mesmo, muito longe d'isso ; e nem as condições da troupe

e os elementos de que se compõe podiam aconselhar a direccão a confiar-lhe o desempenho d'esse drama semi-fantastico, semi-religioso.

O resultado foi o que se viu: avivar-nos as saudades da mesma peça, aqui primorosamente representada em portuguez, dando-nos Eugenio de Magalhães um excellente D. João.

Emfim o que lá foi, lá foi.

A Companhia n'este momento vai caminho de Juiz de Fóra, onde iniciará a sua *tournée* por varias cidades de diferentes estados, e não serei eu quem não lhe deseje muitos louros e sobretudo — muitas louras.

Para isso bastará que ensaiem melhor as peças que houverem de levar á scena.

De resto, só temos o carnaval, nos theatros como nas ruas.

N'estas, as exhibições do Deus Momo já se fazem ha muitos dias ; e parecem anunciar um carnaval animado, a julgar pela multidão de *confetti* e serpentinas já gastos, e pelos preparos dos Grupos e das tres principaes sociedades carnavalescas, que este anno sahirão á rua.

Que se divirtam, e sejam felizes.

E pois que é de praxe começar ou terminar os artigos a respeito do Carnaval exclamando *Evohé !* e isso com toda a convicção, não me furtarei ás regras consagradas, e aqui deixo escripto, com a convicção de que posso dispor n'este momento :

— EVOHÉ !

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos :

NOVO MUNDO, n. 2. Traz o retrato de Theodoro Mommisen, o erudito professor de historia, e muitas gravuras perfeitamente acabadas. No texto, devido á amestrada pena do philologo João Ribeiro, encontra-se uma bella poesia de Luiz Murat.

ESBOÇO HISTÓRICO, de um trama político-administrativo dos generaes paulistas, severa e energica publicação em brochura do engenheiro civil Constante Affonso Coelho, que assim começa o seu trabalho : « A hydra infernal que tantos males inspira e tantas desgraças tem proporcionado ao paiz pelas astacias ou artimanhas da *politica*, do *sectarismo* e do *positivismo*, é um monstro de tres cabeças, terrivel, contra o qual devemos todos nos acautelar. »

A ESTAÇÃO, antigo e bem feito journal de modas; ns. 24, do anno findo, e 2 e 3 do corrente anno.

GARATUJA, polka ; ONDULANTE e PREFERIDA, valsas de Julio Reis; CARMENCITA, 2^a valsa Boston e LA VALSE DE VÉNUS, 4^a valsa Boston, de H. D. Ramenti, nitidas edições da casa I. Bevilacqua & C.

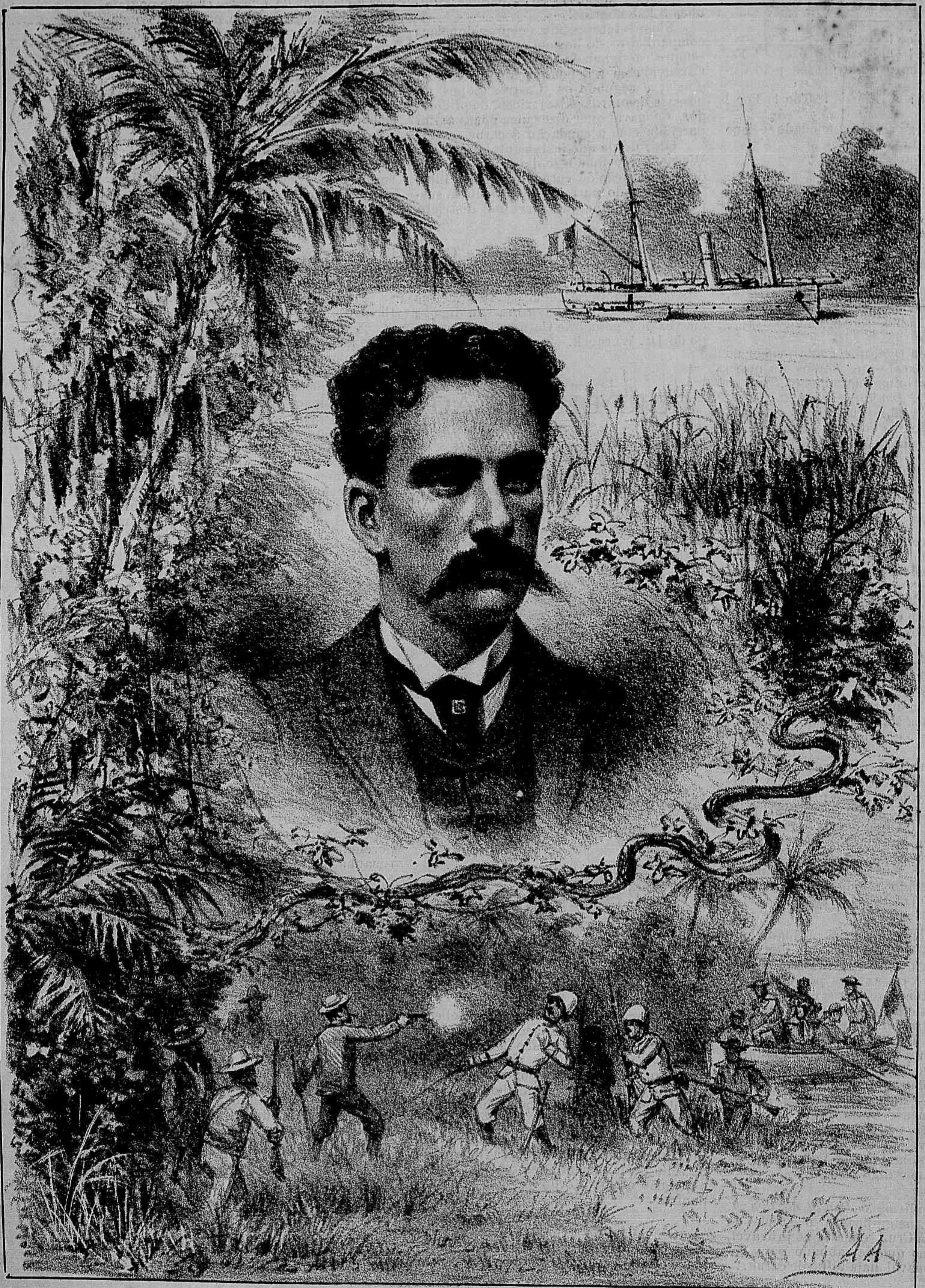
Convites para os formidaveis bailes de domingo e terça-feira, dos Tenentes do Diabo, — um cartão mimoso, de alto bom gosto ; e do Club dos Fenianos, com uma figura semi-núia altamente suggestiva, e um recado amavel assim concebido :

Deixa o artigo de fundo ó gente seria, E vem vê o *Fumoir* da gente moça. Temos vinho, mulheres e pilheria E um walpurgio festim de riso e troça.

Havemos de vêr isso.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL

O heroe do Amapá



Francisco Xavier da Veiga Cabral.